

Propriedades contextuais e mudança construcional: o caso de *aí está* e *aí tá* no português do Brasil

Contextual properties and constructional change: the case of *aí está* and *aí tá* in Brazilian Portuguese

Mariangela Rios de Oliveira*
mariangelariosdeoliveira@gmail.com
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010; 2015), entre outros, analisam-se os *types* *aí está* e *aí tá* no português do Brasil, com foco em seus contextos de ocorrência. De acordo com Rocha (2016), trata-se de duas microconstruções da construção conectora textual formada por pronome locativo e verbo, representada como [LocV]_{connect}. Partindo-se dos resultados de Fonseca (2017), postula-se que *aí tá*, na modalidade falada e em registros menos monitorados do português contemporâneo, passa a assumir, além da função conectora textual, traços da categoria de marcador discursivo, por conta do papel de “arremate” conferido à sequência em que ocorre. Considera-se que a erosão fonética de *aí tá*, no nível da forma, é acompanhada por alteração funcional, no nível do sentido, configurando etapa inicial de construcionalização gramatical, conforme postulam Traugott e Trousdale (2013).

PALAVRAS-CHAVE: Mudança gramatical. *Aí tá*. Motivação contextual. Construcionalização.

ABSTRACT: Based on Usage-Based Functional Linguistics, in accordance to Traugott and Trousdale (2013) and Bybee (2010, 2015), among others, we analyze the Brazilian Portuguese *types* *aí está* and *aí tá*, focusing on their contexts of occurrence. According to Rocha (2016), both are microconstructions of the textual connector construction, which is formed by locative pronoun and verb, represented as [[LocV]_{connect}. Considering Fonseca’s findings (2017), we postulate that, besides the textual connecting function, in spoken modality and in less monitored registers of contemporary Portuguese, this construction begins to assume traits of a discursive marker, due to the role of “closing” of the sentence in which it occurs. We consider that the phonetic erosion of *aí tá*, at form level, is accompanied by functional changing, at meaning level, configuring the initial stage of grammatical constructionalization, as postulated by Traugott and Trousdale (2013).

KEYWORDS: Grammatical change. *Aí tá*. Contextual motivation. Constructionalization.

* Professora Titular de Linguística do Instituto de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense.

Introdução

Neste artigo, abordamos a forte correlação entre fatores de ordem contextual, nos termos de Heine (2002), Diewald (2002; 2006) e Diewald e Smirnova (2012), e seu impacto na mudança linguística em perspectiva construcional, conforme apresentada por Traugott e Trousdale (2013). Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), vertente que compatibiliza o viés funcionalista e o cognitivista, assumimos que o uso linguístico é impactado por fatores de ordem estrutural, cognitiva e discurso-pragmática. Na LFCU, a língua é compreendida como um conjunto de construções, ou seja, como uma rede interconectada de pareamentos de função-forma, nos termos de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), que exibem níveis distintos de vinculação entre suas subpartes.

Para dar conta da abordagem aludida, tomamos como objetos de pesquisa duas instâncias de uso do português do Brasil, como ilustradas a seguir, investigadas, respectivamente, por Rocha (2016) e Fonseca (2017):

- (1) Vivia sozinha. Vida estúpida de isolada. Não tinha mãe, o pai na rua o dia inteiro, a irmã no colégio o ano todo, não tinha amigas. Que coisa mais esquisita: não tinha amigas. Ia visitar tia Carlota. O telefone tocou, depois a criada bateu na porta. Era o advogado. Que quinze dias de prazo, nada. Cinco no máximo. E se não pagasse, executasse. Deixou o telefone mais calma. A criada informou que o Dr. Samuel Pinto já telefonara duas vezes. **Aí está.** Tinha o Dr. Samuel Pinto. Dando ordens na cozinha, mexendo no jardim, verificando a conta do empório, não tirava o pensamento do Dr. Samuel Pinto. Já não ia visitar tia Carlota. Já não se sentia tão sozinha. Mas como sempre a hipótese de um casamento era sumariamente afastada. Se contra a vontade atentava nela, todo o bem-estar que lhe produzia (quisesse ou não quisesse) a certeza daquela inclinação do Dr. Samuel desaparecia. Que esperança. (Século XX, Brasil, Ficção)
- (2) (...) e antes disso eu tinha recriminado a minha colega que ela estava saindo com um menino que ela falou que não ia sair... tá eu recriminando ela... aí eu falei assim “não... não vou sair com ele não... dando o maior show lá... dando o maior show... não vou sair com ele não...” aí ele foi chegou perto de mim... descumpri com a minha palavra... fui... e saí com ele... **aí tá...** depois eu comecei a pensar... né? a minha colega chegou e falou assim “poxa... Flávia... não tinha nada a ver... eu () com ele...” aí antes disso eu estava recriminando... depois eu comecei a pensar... e falei assim “não... pô... eu fiz a mesma coisa... não cumpro com a minha palavra...” e por causa disso me/ outra colega já ia parar de falar com a outra... já ia começar com... aquela coisa... tinha feito uma ignorância pra ela... ela falou assim “não... não quero papo com você mais...” (D&G)

Em (1), *aí está* instancia o esquema formado por pronome locativo e verbo em função conectora textual (doravante [LocV]_{connect}), tal como defendido por Rocha (2016). Em sua pesquisa, a autora comprova que tal esquema constitui pareamento em que as duas subpartes perdem traços de sua categoria fonte (adverbial e verbal, respectivamente), em prol da articulação de sentido mais gramatical ou procedural, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), voltado para conexão de porções textuais mais amplas. Assim, em (1), *aí está* concorre para a articulação das reflexões da personagem, num tipo de discurso indireto livre acerca da condição em que vive e de sua falta de expectativas. Nesse tipo de uso, a primeira subparte (*aí*) cumpre função mais anafórica, enquanto a segunda (*está*) concorre para a progressão, em papel mais catafórico.

Já em (2), com base em Fonseca (2017), constatamos que a forma erodida *aí tá*, que seria, em princípio, somente uma outra instanciação do esquema [LocV]_{connect}, assume também traços da classe dos marcadores discursivos. Nesse tipo de uso, *aí tá*, além de cumprir função conectora, atua também como um tipo de arremate, num papel mais desvinculado, em termos de sentido e forma, do trecho em que figura. Assim instanciada, além da conexão textual, *aí tá* funciona como um tipo de fecho parcial ao que se declara, mantendo o turno do emissor. É o que constatamos em (2), em que *aí tá* marca e *arremata* subpartes de uma narrativa pessoal.

Assim apresentados os dois objetos de pesquisa, partimos da hipótese de que o uso arrematador de *aí tá*, tal como ilustrado em (2), como traço mais específico da classe dos marcadores discursivos, constitui evidência de micropasso recente rumo à mudança construcional do português do Brasil, na rota *conexão textual -> marcação discursiva*. Trata-se de um tipo de instanciação somente levantada em textos da modalidade oral, em registros mais informais e em contextos específicos, o que concorre para evidenciar a hipótese aqui defendida, conforme referida por Traugott (2015).

Para tanto, comparamos usos de *aí está* e *aí tá*, considerados instâncias do esquema [LocV]_{connect}, com base em Rocha (2016) e Fonseca (2017), com destaque para seus contextos de uso. Nessa comparação, assumimos que *aí tá* constitui um

novo *type*, ou microconstrução¹, no esquema maior [LocV]_{connect}, dada sua funcionalidade adicional arrematadora.

Em termos metodológicos, compatibilizamos o viés quantitativo e o qualitativo, com ênfase no segundo, por conta da dimensão contextual destacada. No tratamento de *aí está*, *type* levantado em sincronias mais antigas da língua, a perspectiva é histórica, com a utilização do banco de dados *Corpus do Português*², que foi pesquisado do século XV ao XX. Na análise de *aí tá*, os dados somente foram detectados em fontes sincrônicas mais atuais, na modalidade oral, o que vai ao encontro de nossa hipótese de uso recente desse *type* em relação a *aí está*.

Para dar conta de nossos objetivos, este artigo se encontra distribuído em quatro seções. Na primeira, apresentamos os pressupostos teóricos que fundamentam a análise, com base na LFCU. Na segunda, nos dedicamos ao esquema maior [LocV]_{connect} e ao papel da microconstrução *aí está* como membro exemplar desse esquema, nos termos Bybee (2010; 2015), pautando-nos nos dados e resultados de Rocha (2016). Na terceira, com base em Fonseca (2017), destacamos a funcionalidade marcadora discursiva de *aí tá*, com foco nos contextos em que é instanciada no português brasileiro contemporâneo, demonstrando que se trata, de fato, de outro *type* do esquema [LocV]_{connect}. Por fim, argumentamos a favor de que o papel arrematador de *aí tá* constitui evidência de micropasso recente do português do Brasil rumo à mudança construcional, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), no esquema [LocV]_{connect}.

1 Fundamentos teóricos

Na LFCU, os padrões de uso linguístico são considerados *instanciações de construções*, definidas estas como modelos esquemáticos, em que forma e sentido se encontram vinculadas em maior ou menor grau; e a língua, portanto, é entendida como o sistema simbólico de pares de estrutura e significado, noutros termos, como uma rede de construções. Nessa perspectiva, equilibram-se propriedades de sentido e de forma, de modo que um eixo impacta o outro e vice-versa. Nos termos de Croft (2001), propriedades formais, no nível da sintaxe, da morfologia e da

¹ O *type* (BYBEE, 2003) ou a microconstrução (TRAUGOTT, 2008) são definidos como pareamentos específicos, assim, no esquema em estudo [LocV]_{connect}, *aí está*, *lá vai* ou *lá vem* são exemplos de *types* ou microconstruções específicas.

² Disponível no site www.corpusdoportugues.org/

fonética/fonologia, estão ligadas simbolicamente a propriedades funcionais, no âmbito da semântica, da pragmática e do discurso, na formação do conjunto de construções da língua.

De acordo com tal perspectiva, como Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Croft e Cruse (2004), consideramos que o sentido construcional não corresponde à mera soma dos componentes internos da construção, embora traços de cada um dos componentes concorra para o sentido geral. É o que podemos constatar nos trechos (1) e (2) apresentados na Introdução; nesses exemplos, *aí está* e *aí tá*, como instâncias do esquema $[LocV]_{connect}$, constituem um todo de forma e sentido, cumpridor de função gramatical.

Conforme Traugott e Trousdale (2013), esquemas ou construções exibem distintos graus de composicionalidade, esquematicidade e produtividade, de modo que podem se distribuir num *cline*. A composicionalidade diz respeito ao nível de acessibilidade ou integridade formal e semântica de cada subparte, portanto, há construções mais e menos composicionais. A esquematicidade refere-se ao grau de abstração e convencionalização do pareamento formado; quanto menor a composicionalidade de uma construção, maior sua esquematicidade, maior a possibilidade de suas subpartes formarem *slots*³, a serem preenchidos analogicamente por outros itens da língua. Já a produtividade corresponde ao desenvolvimento de novos tipos de construção e à extensão de padrões existentes para novos tipos, no que é referido por Himmelmann (2004) como *host-class*⁴; a produtividade de uma construção pode se alterar ao longo da história da língua e diz respeito à frequência de uso, tanto *type* (padrão de formação) quanto *token* (uso efetivo), nos termos de Bybee (2003).

Com base nas propriedades referidas, podemos considerar a $[LocV]_{connect}$ como uma construção: a) parcialmente composicional, por conta do papel anafórico de Loc e catafórico de V; b) mais esquemática, na medida em que distintos pronomes locativos podem ocupar o *slot* inicial, como *aí (aí está)*, *lá (lá vai)* ou *aqui (aqui está)*, e somente verbos de semântica espacial podem preencher a segunda posição, como *estar (lá está)* ou *ir (aí vai)*; c) pouco produtiva, dado que é elemento

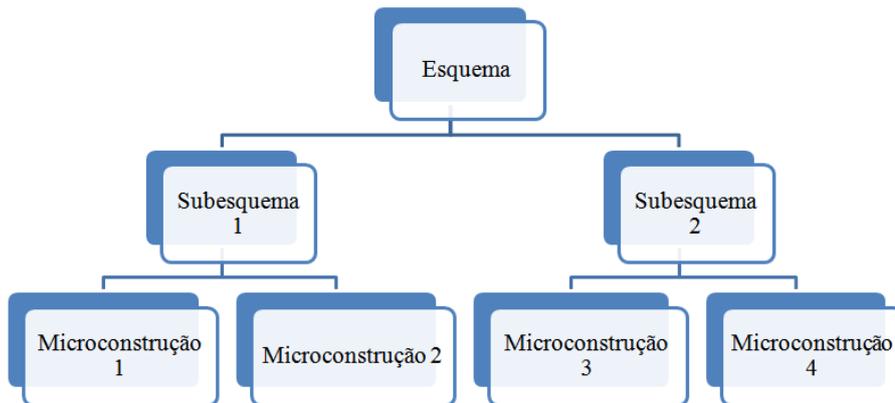
³ Na LFCU, assim são nomeados os espaços de cada subparte num esquema maior, a serem ocupados por constituintes diversos, como o padrão oracional SVO, a locução VaVP, entre outros.

⁴ Esse termo é traduzido como *classe hospedeira* por alguns autores, como Rosário e Oliveira (2016), e se refere à possibilidade de expansão de um esquema, no preenchimento de *slots* de uma construção.

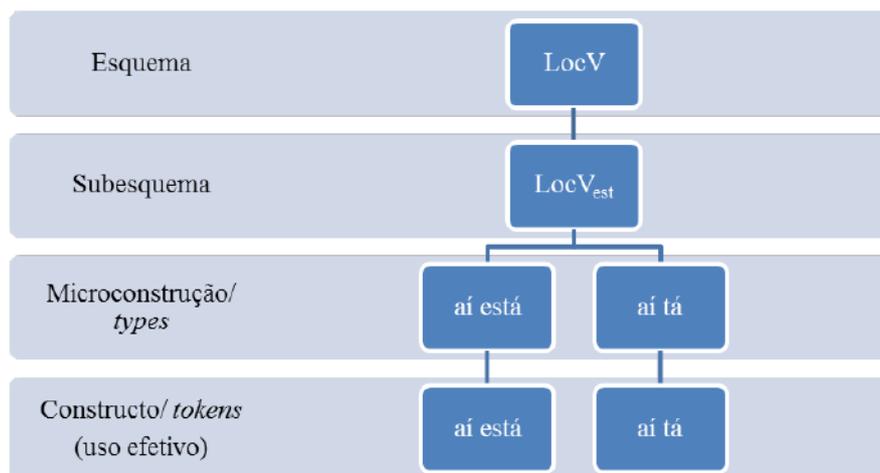
marginal da classe dos conectores textuais do português, perdendo, em termos de frequência de uso, para outros conectores mais antigos e convencionalizados da língua. Além desses traços, conforme destacado em Rosário e Oliveira (2016), classificamos a $[LocV]_{connect}$ como uma construção complexa, porque formada por duas subpartes, dois *slots* a serem preenchidos respectivamente por Loc e V, e de conceptualização procedural, por conta da função conectora textual que desempenha.

Outro postulado relevante na abordagem construcional que aqui assumimos é a hierarquia esquemática, conforme postulada por Traugott e Trousdale (2013). De acordo com os autores, construções exibem níveis variados de esquematicidade: a) nível mais alto, ou esquema, em termos mais abstratos; b) nível intermediário, ou subesquema, constituindo subcategoria do esquema maior; c) nível do pareamento específico, do *type* individual, ou microconstrução. Na figura a seguir, conforme Fonseca (2017, p. 20), ilustramos a hierarquia referida:

Figura 1: Hierarquia construcional, com base em Traugott e Trousdale (2013)



Em termos de nossos objetos de pesquisa, podemos classificar a $[LocV]_{connect}$ como esquema mais alto, enquanto *aí está* e *aí tá* constituem microconstruções, pertencentes ao subesquema formado por V de tipo estativo, conforme a Figura 2, com base em Fonseca (2017, p. 22).

Figura 2: *Aí está* e *aí tá* na rede construcional da [LocV]_{connect}

Como podemos observar, *aí está* e *aí tá*, em princípio, constituem dois *types* do esquema [LocV]_{connect}, pertencentes à subfamília em que V é um estativo, distinto da subfamília dos V de movimento, como *ir* e *vir*. Abaixo desse nível específico, está a dimensão do uso efetivo, dos *constructos*, nos termos de Traugott (2015).

Assumimos também, como Traugott e Trousdale (2013) e Traugott (2015), a distinção entre *construcionalização* e *mudança construcional*. De acordo com os autores, a construcionalização diz respeito a um tipo de mudança processada por intermédio de neanálises⁵, ou seja, de pequenos passos, no qual novas combinações de subpartes tomam lugar e formam um novo e singular pareamento de forma e sentido na língua. Assim posto, a [LocV]_{connect} configura-se como uma construcionalização, ou seja, como um novo pareamento formado pela alta vinculação de sentido de Loc e V, que, em contextos específicos, na trajetória da língua, passa ser neolisada como pertencente à classe dos conectores textuais do português. Esse novo pareamento atinge o estágio de *paradigmatização*, nos termos de Diewald e Smirnova (2012). Nesse estágio, uma vez consolidada a mudança linguística, a [LocV]_{connect} entra efetivamente na rede construcional do idioma. A partir daí, pode haver *mudanças construcionais* mais locais no esquema, ou seja, alterações que afetam somente o eixo da forma ou do sentido, sem que se crie efetivamente nova construção. Consideramos que a *analogização*, entendida como processo estensional, que replica e amplia outros usos já consagrados na língua, fundados em modelos esquemáticos disponíveis, nos termos de Fischer (2009) e

⁵ De acordo com Traugott e Trousdale (2013), utilizamos aqui o termo *neanálise* no lugar do clássico *reanálise*, com base na consideração de que se trata de uma nova e inaugural análise, de interpretação inédita.

Traugott e Trousdale (2013), bem como a erosão fonética, como no caso de *aí tá* em relação a *aí está*, situam-se, em princípio, como fenômenos atinentes à mudança construcional.

Para que seja deflagrada a mudança construcional que culmina em construcionalização, fatores de ordem contextual são cruciais, como destacado em Traugott (2008; 2015). Se a mudança é gradiente, os contextos de uso também devem exibir essa gradiência. De acordo com Diewald (2002; 2006) e Diewald e Smirnova (2012), a mudança linguística parte de ambientes contextuais marcados por polissemia e ambiguidade semântica (*contextos atípicos*), nos quais preponderam implicações e *inferências sugeridas*⁶ (TRAUGOTT; DASHER, 2005), chegando a constituir, em etapa subsequente, opacidade estrutural, com metonimização (*contextos críticos*), e daí configuram construcionalização, com a convencionalização de um novo pareamento na língua (*contextos isolados*). Conforme Diewald e Smirnova (2012), uma vez consolidada a mudança, tem-se, na sequência, a *paradigmatização*, que representa o derradeiro estágio contextual, no qual a construção passa a integrar efetivamente o conjunto de membros de uma dada categoria linguística.

Podemos considerar que a taxonomia contextual acima referida coaduna-se com as etapas da construcionalização gramatical propostas por Traugott e Trousdale (2013). O cline defendido por Diewald e Smirnova (2012), na base da trajetória *uso normal > contexto atípico > contexto crítico > contexto isolado > paradigmatização*, pode ser relacionado aos micropassos, ou neonálises, que levam à criação de novos pareamentos na língua.

2 O esquema [LocV]_{connect} e o membro exemplar *aí está*

Conforme Rocha (2016), consideramos que a construção [LocV]_{connect} integra paradigmaticamente a classe dos elementos de conexão do português, atuando de modo mais específico na sequenciação retroativo-propulsora (TAVARES, 2010). Tal funcionalidade reside na conexão de informes anafóricos ou antecedentes, cumprida por Loc, e catafóricos ou subsequentes, cumprida por V. A retroação e a propulsão

⁶ Tradução nossa para o correspondente inglês *invited inference*, usado pelos autores para se referir à negociação de sentidos pela qual o locutor “convida” seu interlocutor a partilhar crenças, pontos de vista e opiniões, fazendo inferências.

se estabelecem por meio de uma relação coesiva em que uma orientação ou um fato encadeia o outro no discurso, na qual ocorrem “movimentos simultâneos de retroagir – conduzindo a atenção do interlocutor para trás no discurso – e de propulsionar – conduzindo a atenção do interlocutor para a frente, para a continuidade do discurso” (TAVARES, 2010, p. 196).

Partindo de pesquisa de cunho histórico com base no *Corpus do Português*, Rocha (2016) levantou seus dados em textos escritos a partir do século XIII, com foco em ambientes contextuais nos quais pronome locativo e verbo eram empregados contiguamente, configurando contextos normais, atípicos, críticos e isolados, nos termos de Diewald (2002; 2006). Rocha (2016) detectou ser *aí está* a microconstrução mais produtiva do esquema [LocV]_{connect}, configurando-se como o membro *exemplar* da categoria (BYBEE, 2010; 2015), ou seja, como o *type* que mais prototípica e produtivamente é recrutado para instanciar [LocV]_{connect}.

Ilustramos a exemplaridade de *aí está* em (1) e, a seguir, em (3):

- (3) Que negócio é esse? - É uma sociedade de dança, mamãe. Só famílias conhecidas. O Mário arranhou um convite pra nós. Deixaram o sultão todo encabulado no tamborete do piano e vieram discutir na sala de jantar. Famílias distintas. Não tem nada demais. As filhas de Dona Ernestina iam. E eram filhas de vereador. **Aí está**. Acabava cedo. Só se o Crispiniano for também. Por nada deste mundo. Ora essa é muito boa. Pai malvado. Não faltava mais nada. Falta de couro isso sim. Meninas sem juízo. Tempos de hoje. Meninas sapecas. (Século XX, Brasil, Ficção)

A funcionalidade de *aí está*, em (3), tal como ocorre em (1), reside na conexão entre declarações antecedentes e subsequentes, articulando logicamente todo o trecho. Com esse uso procedural de *aí está*, a jovem personagem incrementa seu argumento, pelo qual procura persuadir a mãe a deixá-la ir a um baile. Se observarmos todo o contexto, podemos detectar que, tal como ocorre em (1), em (3) também estamos diante de um tipo de discurso livre indireto, em que a personagem vai apresentando comentários estruturados parataticamente, que acabam se tornando mais vinculados com a instanciação de *aí está*, que assume, em contextos desse tipo, sentido lógico de conclusão.

A exemplaridade de *aí está* ratifica-se por ter sido a primeira microconstrução do esquema [LocV]_{connect} a ser levantada na trajetória do português, como atestado em Rocha (2016, p. 99-100), conforme a tabela seguinte:

Tabela 1: Ocorrência de *aí está* por século e tipo de contexto

Século	Fonte	Atípico	Crítico	Isolado	Total
XX	45	53	5	52	155
XIX	119	109	8	108	344
XVIII	0	2	0	0	2
XVII	2	0	0	0	2
XVI	3	0	0	0	3
XV	1	0	0	0	1
Total	170	164	13	160	507

Como podemos observar, o levantamento exaustivo de formações em torno de pronome locativo seguido de verbo no *Corpus do Português* começa a ser detectado no século XV, mas, até o século XVII, somente há registros de usos de tipo fonte ou *normais* (Diewald, 2002; 2006), ou seja, de ocorrências em que Loc e V atuam efetivamente como membros da classe dos advérbios de lugar e verbo, respectivamente. No século XVIII, já se encontram duas ocorrências de contexto atípico, nos quais a formação *aí está* passa a se tornar mais polissêmica. Nos séculos XIX e XX, são detectados contextos críticos e isolados, neste segundo caso, já configuradores da construcionalização gramatical $[LocV]_{connect}$, tal como ilustramos em (1) e (3). Em termos proporcionais, os 52 dados de contexto isolado do século XX são mais representativos do que os 108 do século XIX, uma vez que aqueles constituem cerca de um terço do geral para o século, o que evidencia o incremento da produtividade do uso conector.

Aí está é o único *type* da $[LocV]_{connect}$ registrado no século XIX, os demais investigados por Rocha (2016) somente são detectados a partir do século XX. A seguir, apresentamos dois trechos do século XIX, representativos, respectivamente, de contexto crítico e isolado:

(4) Fui ou não fui caloteado? Eusébio - Home, o sinhô se cale! Olhe que eu sou mineiro! Lourenço - Não me calo, ora **aí está!** E declaro que não me retiro daqui sem estar pago e satisfeito! (Senta-se) Eusébio - Seu home, olhe que eu..! Lourenço (Erguendo-se) - Eh! Lá! Eh! (Século XIX, Azevedo: Capital)

(5) Agora, se não te dás bem aqui, se te sentes mal, iremos, como querias, para as praias. Raulino irá conosco.. - Para a praia! Não vou mais, não..

posso. Hei de ficar aqui até quando Deus permitir.. Até.. morrer. Quem sabe? - **Aí está!** Não te entendo. Há bocadinho, falavas nessa viagem que não te saía da cabeça.. Agora.. - Pensei melhor.. - Qual, filha! Andas tão atarantada que já não pensas coisa com coisa. - É mesmo, mãezinha. Até parece que estou lesa. (Século XIX, Olímpio: Luzia homem)

Em ambos os trechos, embora se trate de modalidade escrita, encontra-se representado o discurso direto, com forte marca interacional. No trecho (4), *aí está* encontra-se precedido da partícula *ora*, numa sequência que retrata acalorada discussão entre os personagens Eusébio e Lourenço; assim, consideramos, como Rocha (2016), que esse trecho ilustra criticidade contextual, em estágio que precede o uso conector efetivo, dado que podemos interpretar o trecho como um todo [*ora aí está*] ou como dois blocos [*ora (aí está)*]. A função conectora, em contexto isolado, é o que constatamos em (5), trecho também representativo de discurso direto.

Na tabela a seguir, apresentamos o levantamento dos contextos gerais e isolados das seis microconstruções contempladas na pesquisa de Rocha no português contemporâneo (2016, p. 92):

Tabela 2: Frequência dos *types* da [LocV]_{conect} no português contemporâneo

Type	Aqui está	Aí está	Lá está	Aí vem	Aí vai	Lá vai	Total
Total	96	155	149	57	29	176	622
Isolado	9	52	6	11	7	5	90

Contatamos, pela Tabela 2, que *aí está*, de um total de 155 ocorrências no português contemporâneo, tem cerca de um terço de uso como conector textual, com 52 registros. Trata-se de percentual bem mais saliente que os demais *types*, ou microconstruções, do esquema [LocV]_{conect}. Assim, seja pela produtividade mais antiga na língua, seja por sua maior instanciamento, *aí está* é considerado o membro exemplar da construção [LocV]_{conect}.

Em seu levantamento, Rocha (2016) não tem registros do uso da forma erodida *aí tá*. Esse resultado muito provavelmente se explica pela pesquisa da autora ter se concentrado em textos da modalidade escrita do português. A hipótese inicial de Rocha (2016) seria de que a erosão da referida forma configuraria tão somente um caso de mudança construcional, ou seja, uma alteração no nível da forma, mantendo-se basicamente a função conectora da [LocV]_{conect}.

3 *Aí tá* rumo à marcação discursiva

Na continuidade da pesquisa sobre a construção [LocV]_{connect}, Fonseca (2017) volta-se para a instanciação desse esquema em contextos menos monitorados, na modalidade falada do português contemporâneo do Brasil. Com base nos resultados de Rocha (2016), acerca da exemplaridade da microconstrução *aí está*, Fonseca (2017) elege esse *type* para sua investigação e destaca a forma erodida *aí tá*, em função mais específica, já com traços de marcação discursiva.

Em (6), ilustramos o contexto de uso prototípico de *aí tá*:

(6) **E:** Você conseguiu isenção da Rural?

F: Consegui porque, é claro, né, consegui primeiro porque eu consegui comprová que eu num tinha mesmo como pagar, eu não estava trabalhando na época, daí também uma facilidade, porque eu pude sair daqui, pude saí cedo, tive o tempo todo disponível pra ficá lá à mercê da universidade com toda a burocracia, que, no caso, eu saí cedo de casa e fui lá pra lá pra Rural, uma viagem enorme, **aí tá**, chegando lá ainda tive que esperá acho que começá o horário de atendimento, eles dão uma, te dão uma, folha com os requisitos, né, o que que precisa, documentação, o que que precisa comprovar, essas coisa assim que são necessária pra eles te avaliarem, pra ver se você merece ou não, pode ou não pagar. Aí eu levei documento, comprovante de residência, documentos da minha mãe, contra-cheque dela, essas coisa, carteira de trabalho, inclusive eu levei a minha também pra mostrá que tava em branco. (PEUL)

Como podemos observar, em (6), o falante faz uma inserção em seu relato, ao observar que o fato de não estar trabalhando foi facilitador para que tivesse tempo para cumprir a burocracia exigida e obtivesse êxito em seu pedido de isenção, já que foi necessário ter tempo disponível para tal (*daí também uma facilidade, porque eu pude sair daqui, pude saí cedo, tive o tempo todo disponível pra ficá lá à mercê da universidade com toda a burocracia, que, no caso, eu saí cedo de casa e fui lá pra lá pra Rural, uma viagem enorme*). Após essa inserção, o falante faz um tipo de “arremate” e, garantindo seu turno, retoma o assunto sobre como foi o processo de pedido de isenção (**aí tá**, *chegando lá ainda tive que esperá acho que começá o horário de atendimento...*).

Em contextos como (6), consideramos que, ao instanciar *aí tá*, o locutor sinaliza para seu interlocutor que foi feito um tipo de balizamento ao que vinha sendo proferido para, em seguida, mantendo seu turno, continuar a declaração.

Nesse sentido, assumimos que à função conectora da [LocV]_{connect}, agrega-se uma outra, de natureza mais intersubjetiva, no nível pragmático da marcação discursiva, voltada para a negociação interacional, no âmbito da inferência sugerida (TRAUGOTT; DASHER, 2005).

Para a defesa de que *aí tá* passa a cumprir adicionalmente função mais avançada no *cline* gramatical, incorporando traços de marcador discursivo, partimos da seguinte definição dessa categoria pragmática, conforme Risso et al. (2015, p. 371):

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem.

Consideramos também a definição de Teixeira (2015, p. 45), para quem

Marcadores discursivos, doravante MDs, são, basicamente, elementos linguísticos que atuam no plano procedural da gramática, ou seja, são constituintes não referenciais que fazem relações entre componentes/ partes/itens do discurso. Ao analisarmos contextos de interação, observamos que esses elementos facilitam o processamento do discurso (...)

Os 21 dados de *aí tá* coletados exaustivamente por Fonseca (2017) são oriundos de três *corpora* de língua falada: Discurso & Gramática⁷, Peul⁸ e Iboruna⁹. A autora também fez pesquisa exaustiva no *Corpus* do Português e no Nurc, não encontrando dados nestas duas fontes, o que nos permite confirmar a hipótese de que esse *type* constitui mudança construcional mais recente do português e que é ainda pouco produtivo. Na Tabela 3, apresentamos a distribuição dos referidos dados, conforme Fonseca (2017, p. 65):

Tabela 3: Distribuição de *aí tá* por fontes pesquisadas

Corpus	Quantitativo
D&G	10
Peul	7
Iboruna	4

⁷ Disponível em <http://www.discursioegramatica.letas.ufrj.br/>

⁸ Disponível em <http://www.letas.ufrj.br/peul/amostras%201.html>

⁹ Disponível em <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/interna.php?Link=corpo.php&corpo=36>

Comparado a *aí está*, constatamos que *aí tá* é menos composicional, uma vez que as subpartes Loc e V se encontram mais vinculadas, em termos de sentido e forma. Enquanto *aí está* cumpre basicamente função conectiva do tipo retroativo-propulsor, como destacado na seção anterior, o papel de *aí tá*, conquanto mantenha traços da referida função conectora, é também voltado para o monitoramento do turno do locutor, para o arremate parcial do que é declarado e para tal sinalização ao interlocutor. Consideramos, de acordo com Fonseca (2017, p. 68), que *a função discursiva de arremate reforça a semântica retroativa-propulsora, na medida em que marca pontualmente, focaliza, o momento do discurso em que se desfecha um seguimento e se inicia outro*. É o que constatamos também nos trechos a seguir:

- (7) *E: ah... mas e a conversa sua com o menino do... do broto que começa com A? I: não... não...(termina com ela) a Tatiana... que é a... a minha colega... só que ele sempre foi (louco) com ela... aí... eh::... eh::... aí... onde eu estava? ((riso)) ele voltou... ela:: desceu... aí a gente ficou/ a festa estava terminando... aí eu fui... perguntei pra... pra uma menina que:: ela só ia no final da festa... era quase duas e meia... aí ela... ela morava/ mora perto da minha casa... e::... eu pedi pra ela me levar pra casa... me deixar na porta da casa dela... que eu ia... que eu ia pra... pra casa sozinha... **aí tá**... tudo bem... ela... ela... ela... aceitou... aí... a gente:: estava saindo... estava/ tinha acabado a festa... a gente saiu... aí foram todo mundo ligar pra ca::sa... eh... espe... esperar/ chamar táxi... essas coisas... (D&G)*
- (8) *E: vou começar uma entrevista com a Andréa... do terceiro ano... do segundo grau do Opção Vestibulares aqui de Juiz de Fora... Andréa... a primeira coisa... eh:: eu queria que você me contasse uma história... um fato... um episódio que tenha acontecido com você... e que tenha sido interessante... ou... ou te/ que tenha te marcado por ser... eh:: ou constrangedor... ou triste... ou... feliz... enfim... I: tudo bem... aí:: eu peguei... e liguei... pro meu namorado... antes de ir... falando que ia e tal... ele ficou iradíssimo com a situação... mas tudo bem... e a gente já estava meio assim... eu já estava meia de saco cheio... né? e tal... **aí tá**... aí eles passaram lá no colégio... aí... já rolou aquele clima... com o tal amigo do namorado dela ((riso)) que até/ que a/ então... é o meu namorado... atual ((riso)) (D&G)*

Os trechos ilustrados em (7) e em (8) exemplificam dois subtipos de função arrematadora de *aí tá*. No trecho (7), é preciso que a locutora questione a menina para que esta aceite dar-lhe uma carona. Textualmente, é necessário saber que um pedido de carona foi feito para compreender o que foi aceito e como se deu o prosseguimento da história. Já em (8), a locutora conta a respeito de um convite

feito por uma amiga para um passeio no qual alguns meninos estariam presentes; em sua narrativa, ela insere observações sobre a reação de seu namorado diante do comunicado de que ela iria sair com a amiga (*ele ficou iradíssimo com a situação*).

Assim posto, classificamos o uso de *aí tá* em (7) como do subtipo *arrematador sequenciador retroativo-propulsor de prosseguimento* e em (8) como *subtipo arrematador sequenciador retroativo-propulsor de retomada*, tal como proposto por Fonseca (2017). Esses subtipos se distribuem de modo equilibrado: dos 21 dados levantados pela autora, nove são de arremate de prosseguimento, tal como (7), e 12 de arremate de retomada, como em (8).

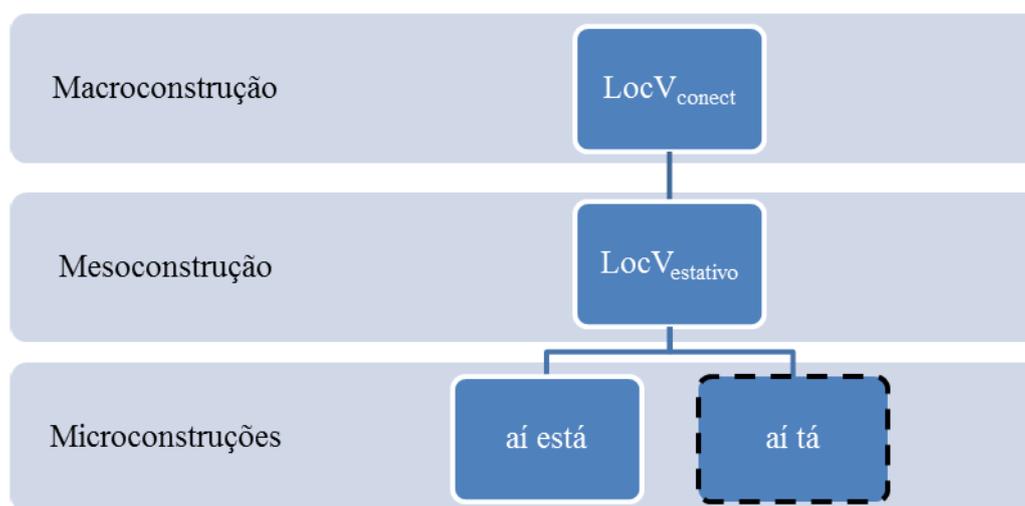
Outra tendência atinente às marcas contextuais em que *aí tá* é instanciado tem a ver com o tipo de sequência textual, nos termos de Bonini (2005). As sequências narrativas, marcadas pela sucessão de acontecimentos, são os ambientes contextuais ótimos para a articulação de *aí tá*. Por intermédio desse uso, conforme ilustrado em (7) e (8), os locutores balizam e distribuem os informes veiculados, fazem pequeno arremate no fluxo informacional para, posteriormente, dar prosseguimento ao que vinha sendo narrado ou retomar comentário que ficara suspenso. Por se tratar de ocorrências da modalidade falada, com baixo nível de monitoramento e marcadas por intersubjetividade, via de regra, as sequências narrativas que instanciam *aí tá* portam adicionalmente propriedades injuntivas, voltadas para ação sobre o interlocutor, tal como constatamos em (8), por intermédio do uso de marcadores como *né?* e *entendeu?*, com alongamentos prosódicos e risos, entre outros. No trecho a seguir, ilustramos mais uma vez a narrativa como o lócus preferencial para a instanciação de *aí tá* em função arrematadora:

- (9) *E: Fábio... havias (nos) contado um... um jogo... né? uma experiência tua... I: é... E: e aí? I: e aí eu estava ali na... Pracinha Vinte e Cinco... jogando... e:: nossa equipe estava perdendo de um a zero... né? aí o jogador do nosso time caiu dentro da área e o juiz marcou pênalti... aí:... meus colegas pediram pra mim cobrar... né? eu estava muito nervoso... estava:... super nervoso... né? aí tá... eu botei a bola... fui com calma () deu muito nervosismo... porque eu estava muito nervoso... aí quando eu fui bater... o goleiro... saiu pra um lado... né? aí a bola foi pra o outro lado... a bola... podia entrar... mas aí foi muito alto... a bola passou por cima do goleiro... aí... eles me consolaram e tudo... mas até hoje eu tenho... um trauma assim... quando tem um pênalti assim... eu não gosto muito de bater... só de brincado mesmo que eu brinco/ que eu chuto... (D&G)*

O trecho (9) diz respeito a uma narrativa pessoal, com o relato de uma mal sucedida batida de pênalti, que até hoje traumatiza o locutor. Em meio a história, ele declara sua condição emocional no momento da indicação para bater o pênalti (*eu estava muito nervoso...estava:... super nervoso... né?*) e usa *aí tá* para arrematar tal declaração e, na sequência, retomar a narrativa (*eu botei a bola... fui com calma*). Esse trecho, como os demais dados coletados por Fonseca (2017), é caracterizado contextualmente por forte marca intersubjetiva, com grande presença da primeira pessoa, seja em formas pronominais ou verbais (*eu estava ali / nossa equipe estava perdendo / eu estava muito nervoso / eu não gosto muito de bater*) e ação sobre o interlocutor, com o uso de marcadores discursivos, como a partícula interrogativa *né?*, e *aí tá*, em função conectora-arrematadora.

Assim posto, propomos que a rede construcional apresentada na Figura 2 seja refinada e reajustada, levando-se em conta os traços de marcação discursiva de *aí tá*, conforme a figura a seguir, com base em Fonseca (2017, p. 44):

Figura 3: *Aí tá* na rede construcional [LocV]_{conect}



A borda tracejada na Figura 3 indica que *aí tá* passa por mudanças no nível da forma e do sentido, que se configuram como um tipo de micropasso rumo à construcionalização gramatical. Embora mantenha a função conectora característica do esquema [LocV]_{conect}, e por isso esteja mantida como microconstrução desse esquema, *aí tá* passa a assumir outra funcionalidade, afastando-se da conexão textual e aproximando-se da marcação discursiva.

Considerações finais

A partir do que apresentamos nas seções anteriores, podemos considerar que

1. *aí tá* constitui um novo *type* no português contemporâneo do Brasil, resultante de mudança construcional da microconstrução *aí está*, integrante inicialmente do esquema [LocV]_{connect};
2. ainda que mantenha traços da [LocV]_{connect}, *aí tá* passa a cumprir outra função, mais voltada para a marcação discursiva arrematadora, migrando do nível sintático para o nível pragmático;
3. a pesquisa de Fonseca (2017) capta e flagra um micropasso recente de mudança linguística, motivado pelo ambiente contextual, no surgimento de uma nova microconstrução marcadora discursiva do PB; com isso, o *type* vai se situando em outra classe, a dos marcadores discursivos;
4. para a motivação e detecção da nova funcionalidade de *aí tá*, o ambiente textual-discursivo é fundamental;
5. sequência narrativa, modalidade falada, intersubjetividade, registros menos monitorados, entre outros, são fatores contextuais determinantes no uso arrematador de *aí tá*.

As considerações apresentadas nesta seção final ratificam o papel dos fatores de ordem contextual para as neoanálises que redundam em mudança construcional e possível construcionalização de *aí tá* no português, estabelecendo-se a rota *conexão textual* -> *marcação discursiva*. Os resultados aqui sumarizados destacam a relação entre duas dimensões do uso linguístico: a mais ampla, atinente às propriedades contextuais, e a mais localizada, no nível do pareamento específico.

Os achados obtidos com a investigação de *aí está* e *aí tá* permitem ainda destacar a abordagem construcional da gramática, no contexto da LFCU, como contributo teórico-metodológico para a descrição e a análise do português. Tal contribuição destaca também o vasto campo, ainda em aberto, para investigações nessa abordagem.

Referências

BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In MEURER, J. L, BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 208-236.

BYBEE, Joan. 2003. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (eds.). *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, p. 602-623.

_____. 2010. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press.

_____. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, William. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DIEWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 103-120.

_____. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*. Düsseldorf, 2006. Disponível em: <<http://www.constructions-online.de:0009-4-6860>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, Kristin et al (eds.). *Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, p. 111-131.

FONSECA, Monique Borges. *Aí tá: uma abordagem funcional centrada no uso*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, UFF, Niterói-RJ, 2017.

FISCHER, Olga. Grammaticalization as analogically driven change? In: *Vienna English Working Papers*, v. 18, n. 2, p. 3-23, 2009.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 83-101

HIMMELMANN, Nikolaus. *Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal?* In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Björn (eds.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

RISSO, Mercedes *et al.* Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. v. 1. São Paulo: Contexto, 2015.

ROCHA, Rossana Alves. *O esquema LocV_{connect}: mudanças construcionais e construcionalização*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, UFF, Niterói-RJ, 2016.

ROSARIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016.

TAVARES, Maria Alice. Conectores sequenciadores *e*, *aí* e *então* na fala de Natal/RN: indícios de especialização funcional. *Revista Interdisciplinar*, v. 12, jul-dez, p. 195-213, 2010..

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva: uma análise centrada no uso*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Instituto de Letras, UFF, Niterói-RJ, 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard; VEENSTRA, Tonjes, (Eds.). *Variation, Selection, Development-Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

_____. Toward a coherent account of Grammatical Construcionalization. In: BARÐDAL, Jóhanna *et al.* (Eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2015, p. 58-80.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em 26/09/2017

Aceito em 17/10/2017

Publicado em 20/12/2017